



PERSPECTIVAS DE ALUNOS COM TDAH NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA BRASILEIRA

Mauritânia Lima de Oliveira Costa¹
Luçamara Beserra Holanda da Fonsêca²
Sintiane Maria de Sá Lima³
Aryane Alves de Oliveira⁴

RESUMO

O Transtorno com Déficit de Atenção e hiperatividade (TDAH) pode ser identificado em muitas crianças em idade escolar, por serem alunos que não conseguem seguir o padrão de comportamento esperado pela escola e sociedade. Assim muitas vezes esses alunos e professores sentem dificuldades quanto a prática escolar em sala de aula. Muito se comenta sobre as dificuldades no ensino e aprendizado desses alunos, mas as perspectivas e possibilidades são primadas pela qualidade da educação especial. Com base nisso, o trabalho busca entender como são as perspectivas de ensino e aprendizado de alunos com TDAH na rede pública de ensino básico no Brasil. Para realização da pesquisa foi feito um levantamento bibliográfico de trabalhos publicados depois de 2015, em meio digital, sobre o assunto. Foram obtidos dados sobre as características do transtorno, a legislação brasileira voltada a educação ambiental, a perspectiva e possibilidades de ensino. Percebeu-se nessa análise que de fato existem diversas dificuldades relacionadas ao ensino de alunos com TDAH e que a educação especial não acontece no Brasil, ainda, da forma esperada; mas que muito pode ser feito e que as possibilidades de ensino, aprendizado e desenvolvimento dos alunos são muitas.

Palavras-chave: Educação especial. Ensino-aprendizagem. Possibilidade de ensino.

INTRODUÇÃO

Atualmente as possibilidades de obtenção de diagnósticos de transtornos neurológicos e deficiências no desenvolvimento infantil, é muito mais eficiente e acessível que a anos atrás. Esses diagnósticos vêm sempre acompanhados de incertezas

¹Professora Especialista da Educação Básica da Secretaria de Educação de Guadalupe-PI - SEMED, mauritanialima@yahoo.com.br;

²Pós-graduanda pelo Curso de Especialização no Ensino de Biologia do Instituto Federal do Piauí- IFPI, samarabio.epp@gmail.com;

³; Mestranda pelo Curso de Mestrado em Ensino de Biologia-ProfBio da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, sintiane.lima@hotmail.com;

⁴Professora Especialista da Educação Básica da Secretaria de Educação de Guadalupe-PI - SEMED, aryannealves@hotmail.com



e dificuldades na inserção dessas crianças em uma rotina comum e na sociedade, pois os preconceitos e as limitações são diversificados (VALENÇA; NARDI, 2015).

Um destes distúrbios, que se torna mais evidente e debatido com o passar do tempo, é o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), que é muito identificado e evidente na vida escolar do aluno, onde ele destoa comportamentalmente do restante dos colegas. Se tornando, para a escola e para os professores, um dos “alunos problemas”, pois as características que apresentam estão em torno de falta de atenção, inquietude, dificuldade de relacionamento, agressividade, entre outros que não se “encaixam” no contexto escolar (SIGNOR; SANTANA, 2016).

O diagnóstico, o tratamento e o acompanhamento de profissionais, família e escola são fundamentais para um desenvolvimento mais sadio do aluno, ajudando-o quanto às suas dificuldades e na melhoria no relacionamento social e na vida escolar. Mas, estas perspectivas estão distantes ainda do que realmente acontece na vida destas crianças. Normalmente são apontadas como pessoas difíceis, e que simplesmente não se encaixam nas necessidades da sociedade (VALENÇA; NARDI, 2015).

Estas pessoas enfrentam muitos entraves na vida social e acadêmica, na maioria das vezes sem o acompanhamento e tratamento necessário. Assim, é relevante a discussão quanto as perspectivas de aprendizado e desenvolvimento de alunos com TDAH que são atendidos pela rede pública de ensino básico. Analisando, se de fato, estes alunos têm suas necessidades realmente atendidas, como forma de inclusão na educação básica, nas escolas públicas brasileiras.

Portanto, o trabalho busca entender como são as perspectivas de ensino e aprendizado de alunos com TDAH na rede pública de ensino básico no Brasil. Além de conhecer as características principais do TDAH, observar a legislação brasileira para a inclusão de alunos com TDAH na educação brasileira e compreender as principais dificuldades vividas por alunos e professores no atendimento de alunos com TDAH nas escolas.

METODOLOGIA

O trabalho consiste na realização de uma análise bibliográfica, compilação, leitura e levantamento de informações pertinentes, de trabalhos já publicados em meios digitais sobre TDAH. Os meios utilizados foram revistas, anais de eventos, artigos e



trabalhos de conclusão de curso, dentre outros. Foi feito o levantamento do conteúdo de forma teórica de trabalhos publicados em sítios da internet a partir de 2015.

Foi feita a compilação buscando atender as temáticas: perspectivas do ensino e aprendizado destes alunos, como ocorre a inclusão e se são de fato atendidas suas necessidades, além das principais dificuldades destes no âmbito escolar. Os resultados estão dispostos e organizados em quatro tópicos que tratam das características do transtorno, a legislação brasileira que atende a este grupo, a realidade na educação brasileira quanto à inclusão e as possibilidades de ensino atendendo as necessidades especiais destes alunos.

RESULTADOS

CARACTERÍSTICAS DO TRANSTONO

A Síndrome conhecida hoje como Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que surge na infância e muitas vezes acompanha o indivíduo por toda a sua vida, detectado quando o profissional se encontra diante de reclamações referentes ao comportamento discrepante daquele esperado para a faixa etária e inteligência, e que gerando prejuízo para o progresso da criança em diferentes domínios da integração social (SHIMIZU; MIRANDA, 2012).

A principal característica do TDAH é a falta de atenção e/ou de hiperatividade, comum e em maior grau do que verificado em pessoas com o mesmo nível equiparado de desenvolvimento. Os sintomas costumam aparecer antes dos sete anos de idade, e devem também ser verificados no mínimo em dois contextos no ambiente escolar e em casa por exemplo. Deve existir claros indícios de interferência nos desempenhos social, acadêmico ou ocupacional (MANTILLA; ALONSO, 2015; SILVA, 2015).

Outro sintoma muito observado no TDAH é a impulsividade, detectada por atitudes de impaciência, problema em esperar sua vez, interrupção antes das perguntas terem sido terminadas ou nos assuntos dos outros. Modificação na sociabilidade, fragilidade emocional, baixa taxa de tolerância às frustrações, como também a autoestima e comportamento contestador são outras características, dita como



comorbidades do TDAH, que podem estar relacionadas nesses indivíduos (OLIVEIRA, 2017).

As crianças com TDAH antes recebiam várias denominações como: Déficit do Controle Moral, Síndrome da Inquietude, Lesão Cerebral Mínima, Reação Hipercinética da Infância, Doença do Déficit de Atenção com e sem Hiperatividade. Nas teorias ampliadas em relação a etiologia da TDAH repercute em suas respectivas épocas quando se trata de tendências científicas e sociais, que foram deixando de existir as noções de falha disciplinar como o lema do efeito causal (MANTILLA; ALONSO, 2015).

O TDAH pode ser classificado em 3 tipos: tipo 1 (desatento) – o indivíduo que não enxerga detalhes, faz erros por falta de cuidado, parece não ouvir, tem dificuldade em seguir instruções, desorganização, evita/não gosta de tarefas que exigem um esforço mental prolongado, esquece atividades diárias; tipo hiperativo/impulsivo: inquietação, mexer as mãos e os pés, remexer-se na cadeira, dificuldade em permanecer sentada, fala excessivamente. Tipo 2 (combinado): quando é detectado duas características conjuntas como a desatenção e o hiperativíssimo/impulsividade; tipo 3 (não específico), quando as características não são suficientes para detectar um diagnóstico completo, apesar dos sintomas desequilibrarem a rotina diária (SHIMIZU; MIRANDA, 2012; GONÇALVES, 2018).

O TDAH possui uma grande predisposição hereditária, podendo atingir um fator de 0.80. A predominância pode variar entre 5 e 15% nas crianças em idade escolar e a probabilidade de ocorrência no sexo masculino é três vezes maior que no sexo feminino. Vários trabalhos detectaram a ocorrência de famílias pré-dispostas a diversos diagnósticos psiquiátricos, incluindo TDAH. Nessas, a aferição para ocorrência de hereditariedade do subtipo diagnóstico (hiperativo/impulsivo, desatento ou combinado) é de 60%. As crianças cujos sintomas de TDAH não desenvolvem com a idade, os familiares costumam serem afetados com mais frequência, sugerindo um modo familiar de características mais doloroso (ROTTA; BRIDI FILHO; BRIDI, 2016).

As circunstâncias relacionadas abrangem aspectos da obtenção e execução da comunicação falada e escrita, déficit de aprendizado, bloqueio do humor e da personalidade e de uso de substâncias. Além disso, a possibilidade de adquirir adequadamente aptidões motoras finas e grosseiras, também chamado de "distúrbio do desenvolvimento da coordenação" (OLIVEIRA, 2017).



LEGISLAÇÃO BRASILEIRA SOBRE INCLUSÃO DE ALUNOS COM TDAH

Ainda não existe no Brasil uma legislação própria e específica que trate das necessidades especiais de pessoas com TDAH, especialmente dentro do âmbito educacional. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, não traz nenhuma referência sobre alunos com TDAH. Não faz menção destes como público das perspectivas de Educação Especial (BRASIL, 2011).

A Associação Brasileira de Déficit de Atenção, busca cada vez mais conquistas como ganhos na luta pelos direitos de pessoas com TDAH. Mas vale ressaltar, que as políticas públicas e conquistas em geral só se efetivam com lutas e apoio da comunidade, em que quanto maior a massa que reivindica maior é a representatividade destas questões.

A legislação brasileira também deixa de tratar as pessoas com TDAH durante da Lei Brasileira de Inclusão nº 13.146 de 2015. Pois, em seu artigo 2º, explicita que:

“considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas”. (BRASIL, 2015).

Mesmo não apresentando uma legislação específica as pessoas com TDAH são respaldadas por outras legislações que tratam de especialidades em geral, como é o caso da Lei Diretrizes e Bases da Educação (LDB nº 9394 de 1996), em que deixa evidente que a educação é direito de todos independente das suas especialidades. Além de dedicar um capítulo próprio que trata da educação especial, deixando claro que as especialidades de cada aluno devem ser respeitadas e atendidas quanto às suas necessidades (BRASIL, 1996).

A LDB destaca também a existência e importância dos serviços de apoio à educação especial com o Atendimento Educacional Especializado (AEE), em que o aluno deve frequentar o ensino regular de forma inclusiva, mas que dependendo das suas necessidades deve ser atendido de forma especializada levando em conta suas especificações. Além disso, no artigo 59, parágrafo 1º, que trata dos sistemas de ensino e quais suas obrigações aos educandos com necessidades especiais destaca: “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;” (IDEM).

O Decreto nº 7611/2011 que trata do atendimento educacional especializado em seu artigo 2º diz que: “A educação especial deve garantir os serviços de apoio



especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 2011).

REALIDADE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E A INCLUSÃO

É frequente muitos educadores detectarem alunos com hiperatividade e não conseguirem lidar com eles em sala de aula, surgindo um preconceito e confundindo seu TDAH com a falta de comportamento, o que atrapalha, de maneira significativa, todo um processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Sendo caracterizado como um fator preocupante, pois é na escola que as vezes se consegue verificar o TDAH maioria dos jovens por ter contato com a leitura e a escrita, o que exige atenção e concentração (CRUZ; OKAMOTO; FERRAZZA, 2016).

O TDAH para os educadores como um aspecto preocupante, principalmente na fase escolar. Fase que a criança começa seu contato com a leitura e escrita, é de extrema importância que mantenha sua atenção e concentração sustentados, para que os propósitos pedagógicos utilizados possam ser adquiridos no decorrer do tempo. Na idade escolar, crianças com TDAH têm maior probabilidade de repetência, evasão, rendimento acadêmico, dificuldade emocionais e de relacionamento social defasados, e pessoas que apresentam sintomas de TDHA na infância têm grande tendência de desenvolver problemas envolvendo o comportamento (MAIA; CONFORTIN, 2015).

Todo indivíduo, seja ele com TDAH ou não, possui seu próprio tempo de aprendizagem, mas, aqueles que possuem este transtorno, precisam de um tempo maior para assimilar o que foi ensinado. Assim, torna-se essencial a intervenção do educador e suas metodologias para que esses estudantes não se sintam inferiores aos outros alunos considerados sem nenhum tipo de transtorno na turma, e também não aconteça episódios de caracterização como um aluno lento e sem capacidade de realizar qualquer atividade (CRUZ; OKAMOTO; FERRAZZA, 2016).

O educador é primordial no desenvolvimento de habilidades e controle do comportamento em criança que possuem TDAH. Assim, ele deve ser preparado continuamente e atualizado em suas práticas pedagógicas, tendo conhecimento sobre o que seja realmente TDAH para utilizar estratégias adequadas em sala de aula, para que esses alunos sejam verdadeiramente inclusos na escola (SANTOS; FRANCKE, 2017).



A falta de experiência nesse aspecto muitas vezes leva ao fracasso escolar de ambas as partes, gerando danos emocionais, cognitivos e sociais. Se houver interpretação errada, se relacionado a situação com um estudante que tem TDAH, a consequência para o mesmo pode gerar uma agitação, inquietação e irritação que prejudica a comunicação entre educador, aluno e colegas. “Para lidar com os mais agitados, o professor deve propor atividades extras durante as aulas, segundo conselhos mais frequentes entre os especialistas. Eles devem pegar tudo para você no armário, apagar a lousa, buscar não sei o quê, não sei onde” (GUARDIOLA; RIESGO, 2016).

O papel do professor é inevitável no progresso do estudante com TDAH. Contudo, se a escola não o ampara ou não lhe dá suporte para que os objetivos almejados sejam alcançados, o esforço e trabalho até então conquistados defasam ou estagnam, não chegando à meta desejada (ROTTA et al, 2016).

Para se tornar uma escola inclusiva, é preciso pensar na capacitação de professores no intuito de transformar sua prática educativa. No entanto, a carência muito visível de uma formação docente continuada, para que entendam a dimensão da inclusão frente a suas técnicas (ANGELO, 2018).

POSSIBILIDADES NO ENSINO

Os atos que os educadores devem praticarem como auxiliares de uma criança que possui TDAH está associado a inúmeras atitudes como o incentivo, ajuda para o desenvolvimento de comportamentos adequados, atividade com a família, resgate de conhecimento sobre o tema, planejamento de atividades instigantes, direcionamento para especialistas, relação com os demais colegas de turma, favorecimento do ambiente promovendo tranquilidade e silêncio, apresentação de atividades curtas, ajuda com o direcionamento individual, utilização de metodologias diferenciadas, não demonstração de ansiedade, explicações abreviadas, deixar próximo a criança da professora e longe de algo que lhe distraia, sugerir uma rotina, dar espaço para a locomoção na sala de aula, respeitando seus limites (DAHMER, 2017).

Muito fora do ideal, muitos educadores ainda olham apenas para as dificuldades que terão quando atendem estudantes com transtorno, esquecendo que a experiência e o aprendizado são as maiores recompensas que podem ser adquiridas. Mas, a parcela da responsabilidade não pode ser delegada somente aos professores, a missão de solidificar uma inclusão de qualidade, todo o núcleo escolar deve ajudar, no



fim das contas o aluno quando passa pelos portões da escola está sob os olhares de todos que formam a equipe escolar (MAIA; CONFORTIN, 2015).

O ambiente familiar é de extrema importância e responsável no apoio e ajuda a esses estudantes. Porém, deve estar associado sempre com a escola na forma de diálogo no intuito de buscar novos métodos de realização de seus objetivos e, assim, propiciar uma convivência qualitativa, principalmente, na troca de experiências e busca de novos conhecimentos. Um ambiente que é desafiador tem como características que simplifica o aprendizado significativo (SANTOS; FRANCKE, 2017).

Para os responsáveis em casa, é de suma importância que estabeleçam atividades rotineiras claramente definidas e combinadas como horário, duração, intervalos. Propiciar locais em casa adequado para que haja estudo e organização das atividades, pois a falta de organização e consciência de tempo são características comuns do TDAH. Os responsáveis devem ajudar se necessário, mas nunca tentar fazer pelos seus filhos os trabalhos designados a eles. A conversa rotineira entre escola e família é essencial para que educadores e responsáveis possam interagir nas suas trocas de experiências relevantes para as horas difíceis. A relação de confiança em saber que outra família já passou pelo mesmo obstáculo ajuda a compor o quadro real da situação (GUARDIOLA; RIESGO, 2016).

A escola precisa repensar em concepções e paradigmas no momento de acolher alunos com necessidades educacionais especiais. Nesse quadro, a escola não pode, somente, “jogá-los” em sala de aula, ela tem que incluir o aluno de modo que façam adequações através de recursos para inserção eficiente na classe regular da escola (MAIA; CONFORTIN, 2015).

Trabalhos, principalmente, que associe o movimento possibilitaram a criação de atitudes que os ajudaram na reorganização do gesto, melhoramento dos movimentos torpes que podem ser caracterizados como desequilíbrio e dificultando no seu comportamento social. As crianças mesmo com TDAH percebem muitas vezes sua inabilidade e torpeza, como consequência se escondem ou se omitem de se socializar com os colegas dificuldades de equilíbrio e coordenação motora precisam de um trabalho focado de intervenção para a diminuição das dificuldades de organização tônico posturais (ROTTA et al, 2016).

DISCUSSÕES



Com base no que foi identificado com a análise dos trabalhos publicados anteriormente, de forma a coletar os dados teóricos, organizá-los e discuti-los, percebeu-se diversas perspectivas e realidades em torno do ensino e aprendizado de alunos com TDAH, suas dificuldades e além destes as dos professores e da família.

A partir da análise da legislação pertinente a educação especial percebeu-se que não existe uma legislação própria e específica sobre o auxílio dos alunos com TDAH, mas que apesar disso os alunos são amparados por uma legislação mais abrangente que trata da educação especial de pessoas com necessidades especiais. Destacando que todos têm direito à educação e à vivência escolar e que devem ser incluídos no ensino regular e ter direito a atividades diferenciadas que respeitem suas limitações e que melhor lhes auxilie no seu desenvolvimento.

Nessa perspectiva não se pode somente apontar o professor como vilão e como sendo o único responsável pelo desenvolvimento dos alunos. Além de que se o processo de inclusão e desenvolvimento não ocorrerem da forma devida, serem os professores tidos como os únicos culpados. Os professores também vivenciam as dificuldades quanto à perspectiva da inclusão, onde não recebem o respaldo necessário para o recebimento de alunos com necessidade especiais, não têm na sua formação nenhum aprendizado e conhecimento sobre o assunto, e muitas vezes não sabem como lidar com essa realidade.

Uma das principais dificuldade em todo da prática pedagógica em sala de aula regular e inclusiva está na falha da formação de muitos professores, que não tem o respaldo da formação voltada para o atendimento da educação especial. Assim, com isso sofrem as consequências os professores, alunos, escola, o educando com a deficiência ou transtorno e além disso a família, entidade esta que muitas vezes não dá o suporte necessário para a realização das atividades e desenvolvimento.

Alunos com TDAH apresentam muitas dificuldades comportamentais em sala de aula, em que o professor deve saber lidar com o aluno e com os outros demais que também demandam atenção. Os alunos com esse transtorno têm características próprias, como irritabilidade, inquietude, agressividade, falta de atenção, dentre outros, que são características que dificultam o andamento das atividades escolares.

A educação inclusiva traz aspectos essenciais no desenvolvimento e na inclusão social dos alunos, pois é de total necessidade das pessoas com características



especiais, pois auxilia na implementação destes na sociedade. Analisando essas perspectivas, as possibilidades de aprendizado e desenvolvimento são muitas, as formas de auxiliar a melhoria da vida destas crianças são várias, basta dedicação e desenvolvimento de atividades que sejam adaptadas aos limites dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quanto a análise das questões referentes às possibilidades de desenvolvimento escolar de crianças diagnosticadas com TDAH e sua real inclusão no meio educacional, observou-se que apesar de uma legislação evidentemente construída em torno da educação especial, está ainda não é específica e ainda está longe de ser realmente efetivada.

Analisar estas questões traz uma série de conhecimentos e a possibilidade de traçar observações sobre o que realmente é feito e o que deve ser melhorado. Além de destacar qual a distância que ainda deve ser percorrida para que todas as necessidades da vida escolar destes alunos sejam amparadas e que estes sejam inclusos realmente na sociedade, de forma equitativa como necessitam em relação a todos os demais.

Observou-se pela análise dos trabalhos publicados que as necessidades especiais que os diferenciam dos demais alunos são muitas, questões comportamentais, sociais, de organização de sala e até rotineiras, são necessárias para que estes alunos se sintam bem no contexto escolar e possam aprender e construir suas habilidades necessárias.

Mas as perspectivas não ficaram somente nas questões negativas, foram apresentadas também as possibilidades, pois levando em conta os deveres educacionais dos agentes escolares e da família, o aluno pode sim tem um desenvolvimento acadêmico eficiente. Mas é necessária que haja uma atenção no âmbito escolar e familiar, que vai desde o diagnóstico, a formação do professor até as medidas pedagógicas tomadas dentro da sala de aula.

Mas, observando no geral, muito ainda deve ser feito, iniciando-se na especificidade da legislação sobre o TDAH que é necessária a mudanças de hábitos e concepções sobre os alunos, suas necessidades e limitações. Além disso, deve ser construída uma educação inclusiva muito mais eficiente, pois ainda se percebe que anda



distante do que é previsto por lei e necessária para a real inclusão, não só de pessoas com TDAH, mas com diversas outras deficiências.

REFERÊNCIAS

ABDA – Associação Brasileira do Déficit de Atenção. **Cartilha DIREITO DOS PORTADORES DE TDAH (Doutrina – Jurisprudência)**. Disponível em: http://www.tdah.org.br/images/stories/site/pdf/cartilha_legislacao.final.pdf. Acesso em: 27 junho 2016.

ANGELO, L. M. D. Psicopatologia na Educação: Entendendo o TDAH no ambiente Escolar. **Psicologando**. V. 02, 2018.

BRASIL. **Constituição Federal**, 1988. Artigo 205. Disponível em www.senado.gov.br

_____. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – 8. Ed.- Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

_____. Palácio do Planalto. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Decreto sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, 17 de novembro de 2011; 190o da Independência e 123o da República.

_____. Palácio do Planalto. **Lei nº 13146, de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 de julho de 2015. 194o da Independência e 127o da República.

CRUZ, M. G. A.; OKAMOTO, M. Y.; FERRAZZA, D. A. O caso Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a medicalização da educação: uma análise a partir do relato de pais e professores. **Revista Scielo Saúde Pública**. v. 20, n. 58, 2016.

DAHMER, I. A. **TDAH e a lei da inclusão**. In: VII Mostra de Iniciação Científica Júnior, 2017. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/salaoconhecimento/article/view>. Acessado em: 16 nov. 2019.

GONÇALVES, J. P. B. Estudo sobre as condições de inclusão em uma escola estadual na cidade de caldas novas nos últimos 13 anos. **Ciclo Revista**. v. 3, n. 1 2018.

GUARDIOLA, A; RIESGO, R. S.(Org). **Transtorno da Aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed. 2016, p.263-273.

MAIA, M. I. R. M.; CONFORTIN, H. TDAH e aprendizagem: um desafio para a educação. **Perspectiva**, Erechim. v. 39, n.148, 2015.



MANTILLA, M.J.; ALONSO, J.P. **Transmisión del diagnóstico en psiquiatría y adscripción de identidades:** perspectivas de los profesionales. Interface (Botucatu). 2015; 19(52):21-32.

OLIVEIRA, A. P.; MORAES, J; C. P. A Ritalina como forma de tratamento em crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (tdah): um estudo de caso. **Revista Acadêmica Magistro.** v. 1, n. 17, 2018.

OLIVEIRA, G. M.; SILVA, R. T. **Inclusão e Alfabetização da criança com TDAH: Um desafio.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, Ano, 1, Vol.7, p. 91-108. Agosto de 2016.

ROTTA, N, T; FILHO, C, A, B; BRIDI, F, R, S, (Org). **Neurologia e aprendizagem:** Uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2016.

ROTTA, N. T. **Transtorno da atenção: aspectos clínicos.** In: ROTTA, N. T. et al. Transtorno da Aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SANTOS, P. T.; FRANCKE, I. A. **O transtorno déficit de atenção e os seus aspectos comportamentais e neuro-anatomo-fisiológicos:** uma narrativa para auxiliar o entendimento ampliado do tdah. Psicologia Pt. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1138.pdf>. Acessado em: 16 nov. 2019.

SIGNOR, R.; SANTANA, A. P. **TDAH e medicalização: implicações neurolinguísticas e educacionais do Déficit de Atenção/Hiperatividade.** São Paulo: Plexus. 2016.

SILVA, A. B. B. **Mentes inquietas:** TDAH: desatenção, hiperatividade e impulsividade. São Paulo: Editora Gente. 2015.

VALENÇA, A. M.; NARDI A. E. **Histórico do transtorno de déficit de atenção/hiperatividade.** In: NARDI, A. E.; QUEVEDO, J.; SILVA, A. G. (Orgs.). Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: teoria e clínica. Porto Alegre: Artmed, 2015.